

Clipping

19/02/2015

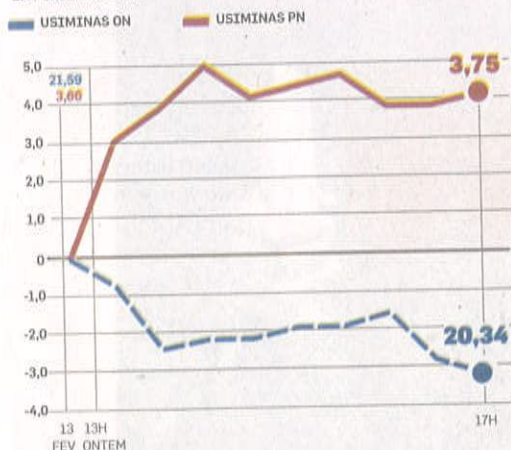
* **Cenário:** Francine De Lorenzo

Ata do Fed direciona negócios em sessão reduzida no Brasil

USIMINAS EM DESTAQUE

● Siderúrgica divulga balanço do 4º trimestre e ações reagem de forma divergente

EM PORCENTAGEM/R\$



A Quarta-Feira de Cinzas foi marcada pela menor liquidez no Brasil, com o mercado financeiro iniciando as atividades apenas após as 13 horas. No entanto, o dia reservou emoções mais fortes do que apenas o resultado da apuração do carnaval do Rio de Janeiro. As atenções estavam voltadas para a ata do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), que, no fim da tarde, com os pregões regulares de câmbio, bolsa e juros fechados, trouxe um conteúdo que foi interpretado pelo mercado como indicativo de juros baixos por mais tempo nos EUA. O efeito foi imediato, principalmente sobre os yields

(retornos) dos Treasuries (títulos do Tesouro americano), que renovaram as mínimas da sessão. As bolsas norte-americanas, que vinham em baixa desde cedo, diminuíram as perdas e encerraram próximas da estabilidade, enquanto o dólar perdeu força ante o iene, o euro e várias divisas de países emergentes. Em Nova York, o Dow Jones cedeu 0,10%, aos 18.029,85 pontos, o S&P 500 recuou 0,03%, aos 2.099,68 pontos, e o Nasdaq teve alta de 0,14%, aos 4.906,36 pontos.

No Brasil, o dólar à vista negociado no balcão já estava fechado quando saiu o documento do Fed. A moeda havia subido 0,32%, a R\$ 2,8440, em sintonia com o exterior. O efeito do Fed se deu apenas no mercado futuro, onde a moeda para março virou e cedeu 0,02%, a R\$ 2,8440.

Na renda fixa, as taxas dos contratos futuros de juros mostraram evolução mais consistente, em sintonia com o dólar durante a sessão regular, perdendo força no pregão estendido em meio à leitura, trazida pelo Fed, de que a alta dos juros nos EUA deve demorar mais tempo. Entre outros pontos do documento, muitos dirigentes do Fed veem o enfraquecimento do núcleo de inflação como preocupante e argumentam que a queda persistente dos preços de energia pode limitar empregos na indústria. O contrato de juros para janeiro de 2017 marcou 13,06% no Brasil, de 13,05% na sexta-feira, e o vencimento para janeiro de 2021 indicou 12,60%, de 12,54%.

Os mercados de câmbio e juros também monitoraram as declarações dadas pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Para o dólar, ele voltou a dizer que o Banco Central não tem nenhum objetivo com uma cotação específica para o câmbio, já que trabalha para reduzir a volatilidade. Para os juros, reforçou a busca da meta de 1,2% de superávit primário em 2015, que o mercado cogitou que poderia ser reduzida. Levy também falou sobre a Petrobrás, mas seus comentários não fizeram preço. Isso porque a Bovespa teve dinâmica própria, pautada pelo exercício de Ibovespa futuro e opções sobre o Ibovespa. No fim, a Bolsa indicou alta de 1,27%, aos 51.280,36 pontos, maior nível desde 5 de dezembro passado.

DIRETO DA FONTE

SONIA RACY

Batalha aérea

Já saiu do Planalto – e tem o ‘ok’ do Ministério Público Federal – a contratação de empréstimo de US\$ 5,4 bilhões para pagar os 36 caças suecos Gripen NG, que vão equipar a aviação de combate brasileira.

A batalha não vai ser fácil. Depende de autorização do Congresso para a medida provisória – numa hora em que o PMDB se mostra mais infiel do que nunca. E do olhar ríspido de **Eva Chiron**, nova secretária-geral da Defesa.

Ciente de que a conta vai cair no colo da pasta, a fiel escudeira do ministro **Jacques Wagner** quer conhecer a operação nos mínimos detalhes.

Oriente quente

A Eletrobrás, segundo se conta, está com um olho voltado para o Oriente – visto como estratégia para sair da crise que abate o setor elétrico.

Chineses da State Grid e japoneses de Sumitomo e Itochu já teriam demonstrado interesse em participar, como investidores, de alguns projetos com a brasileira.

Alfaiate do Panamá

José Eduardo Cardozo já pode circular à vontade. Um amigo levou a sua casa, em São Paulo, um alfaiate da mais completa confiança.

Que, de uma só tacada, reduziu ao novo tamanho – vários quilos a menos – os ternos do ministro da Justiça que ficaram sobrando depois que ele aderiu à Dieta Ravenna.

Chapéu

Gabriel Chalita reúne-se com empresários, dia 26, para pedir que doem creches à cidade. O Carrefour já topou.

A meta do secretário de Educação é conseguir 100 creches, sem contrapartida da Prefeitura. Que ficará com a gestão das unidades.

Violência cara

Tramita na Câmara projeto que está tirando o sono dos administradores de arenas construídas para a Copa. É que o texto os obriga a contratar segurança privada para impedir violência nos jogos.

Problema? Qualquer aumento de custo poderia levar os clubes a escolher estádios mais baratos para jogar.

Sem atraso

A Petrobrás jura que não há nenhum atraso nos pagamentos a fornecedores. Em nota, a estatal avisa que “está em dia com suas obrigações contratuais e que os pagamentos de seus compromissos vêm sendo realizados de acordo com a legislação vigente”.

Jubileu

Caetano Veloso e Gilberto Gil se preparam para subir ao palco juntos até meados do ano. Trata-se de turnê internacional em homenagem aos 50 anos de carreira de ambos.

Telona

Será lançado ainda neste semestre o filme *Chico: Artista e o Tempo*, de **Miguel Faria Jr** – diretor de *Vinicius*, documentário recordista de público.

Além de depoimentos do cantor, o longa mostrará os bastidores de um show em homenagem a **Chico Buarque**, feito especialmente para a produção.

Faxina

Integrante do conselho da Agência Mundial Antidoping (Wada), o jogador de vôlei **Emanuel Rego** se mostra cauteloso ao falar da punição a **Anderson Silva**: “É um momento isolado na carreira dele. Não podemos nos esquecer dos 20 anos em que foi exemplo como atleta”.

Faxina 2

Mas deixou clara sua posição, em conversa com a coluna em pleno desfile na Sapucaí: “É preciso entender que o antidoping está aí para proteger os atletas. O controle tem de ser cada vez mais rígido”.

PAINEL

VERA MAGALHÃES

folha.com/painel

Operação-tartaruga

A apuração interna da Corregedoria-Geral do governo Geraldo Alckmin (PSDB) sobre o cartel que agiu no Metrô e na CPTM está estacionada há um ano. Desde fevereiro de 2014, quando o órgão divulgou seu último balanço público, não foi colhido nenhum novo depoimento nem foram abertas novas frentes de investigação, segundo atualização dos dados enviada pela corregedoria à coluna. No período, também não houve afastamento de funcionários de cargos de confiança.

tiroteio

Cunha investe em uma pauta homofóbica e contra liberdades individuais só para colocar uma cortina de fumaça sobre seus escândalos.

DO DEPUTADO JEAN WYLLYS (PSOL-RJ), sobre defesa de Eduardo Cunha (PMDB), citado na Lava Jato, de projetos como o Dia do Orgulho Heterossexual.

contraponto

Cara fechada

Na semana anterior ao Carnaval, o governador paulista, Geraldo Alckmin (PSDB), participou de dois eventos para a entrega de viaturas da Polícia Civil para cidades do Estado. Em um deles, Alckmin estava acompanhado de Alexandre de Moraes, seu secretário de Segurança Pública, e do vereador paulistano Andrea Matarazzo (PSDB). Vendo o semblante de Moraes, o tucano brincou com o governador:

—É bom ter um secretário da Segurança sério!

Coincidência ou não, depois do comentário de Andrea, Moraes deu risada em todas as fotos.

Estático Em 2014 —como agora— eram 46 depoimentos colhidos, seis outros procedimentos abertos e seis agentes públicos afastados de cargos de confiança.

Outro lado Questionada, a corregedoria diz que o procedimento “está em andamento com a realização de outras diligências e análise de documentos complementares”, sem informar quais. Em relatório de 2014, o órgão dizia que aguardava remessa de documentos do Cade.

Caixa Depois da aprovação do passe livre estudantil na Assembleia, o governo paulista priorizará a autorização para obter financiamento de US\$ 182,7 milhões para desapropriações da linha 18-Bronze do Metrô, no ABC.

Inflexíveis As centrais sindicais vão para nova reunião com o governo na próxima quarta-feira sem disposição de recuar no pedido de revogação das medidas provisórias que endurecem acesso a benefícios trabalhistas.

No voto Como acreditam que o Planalto também não vá ceder, apostam as fichas nos deputados e senadores. Antes do Carnaval, as centrais distribuíram panfletos para convencê-los da impopularidade das medidas.

Sem folia Joaquim Levy (Fazenda) passou o Carnaval em Washington, onde teve reuniões com integrantes do governo norte-americano, congressistas e executivos de multinacionais.

Bem na fita Levy se encontrou com o ex-embaixador dos EUA no Brasil, Thomas Shannon, hoje conselheiro do secretário de Estado, John Kerry. Ouviu elogios ao “pragmatismo” do colega Armando Monteiro (Desenvolvimento), que esteve na cidade alguns dias antes.



Vai que dá O líder do PSDB no Senado, Cássio Cunha Lima (PB), brinca com a polêmica vitória da Beija-Flor com desfile patrocinado pelo governo da Guiné Equatorial. “Se até uma ditadura investe no Carnaval para limpar a barra, a Petrobras deveria patrocinar um enredo para se livrar da mácula do petróleo que o PT lhe causou.”

Vip 1 Vereadores paulistanos querem levar o presidente da SPTuris, Wilson Poit, para dar explicações sobre a política adotada para a distribuição de ingressos do camarote da Prefeitura no Carnaval do Anhembi.

Vip 2 Dizem que o presidente da empresa de turismo teve autonomia para distribuir 900 ingressos, e que integrantes da Câmara e do secretariado de Fernando Hadad não foram convidados.

Precursora O PT de Osasco encomendou uma pesquisa com os cenários para 2016. Foram ouvidas 600 pessoas no início de fevereiro. Os números foram desanimadores para o partido, que governa a cidade há dez anos.

Maré Tanto em caso de candidatura à reeleição do atual prefeito Jorge Lapas quanto com a possível volta do ex-prefeito Emídio de Souza, atual presidente estadual da sigla, os nomes do PT perderiam para o provável candidato do PSDB, Celso Giglio.

Folha, 94 A Folha completa hoje 94 anos.

ECONOMIA

Diante dos sinais de recessão, o BC deveria parar de subir os juros?

SIM

MARCELO MITERHOF
 Economista do BNDES

Num país tão desigual de juros elevados, é preciso pensar de novo antes de subi-los, dada a concentração de renda que se promove. Pior se isso é feito em meio a um ajuste fiscal, que é prejudicado pelo governo passar a pagar taxas maiores.

Mas os juros não atuam via demanda. Eles pouco a alavancam. E a inflação no Brasil é em geral de custo: são mudanças de preços relativos estruturais, como as provocadas pela inclusão social, ou temporárias, como choques agrícolas.

Os juros altos favorecem a valorização cambial, que diminui os preços dos bens que sofrem concorrência externa, contrabalançando os aumentos de custo.

Na última década, foi possível reduzi-los, crescendo sob um rígido regime de metas de inflação, pois a alta global das commodities brasileiras tendeu a apreciar o câmbio.

Porém o cenário cambial é hoje o oposto. Os fluxos comerciais se deterioraram, fruto da queda dos preços das exportações e da longa apreciação que minou a indústria. E voltam sinais de que o EUA pode fazer um aperto monetário.

Mas as condições para enfrentar a depreciação são melhores que no passado. Como mostram André Biancarelli e Rodrigo Vernhanini (<http://is.gd/5VoTWo>), as reservas de dólares são bem maiores, os passivos externos de curto prazo têm peso menor e, de 2002 a 2014, a relação "passivos dolarizados/ativos externos" caiu de 2,3 para 0,8 (a desvalorização agora tende a reduzir liquidamente a dívida). Melhor deixar depreciar.

Os juros, que subiram cinco pontos percentuais nos últimos dois anos, não precisam dos choques brutais de outrora.

Isso não torna a desvalorização fácil. São duros seus efeitos sobre preços, salários reais e crescimento, mas a produção local tende a ser privilegiada.

Vale lembrar que para ter uma moeda depreciada mais fácil é evitar sua apreciação. Juros maiores logo pressionam por revalorizações. Por fim, é preciso discutir novas formas de lidar com sua relação com câmbio e inflação. Não são os juros o instrumento mais apropriado para combater a recessão. Ainda assim, é ruim continuar a elevá-los.

NÃO

ALEXANDRE SCHWARTSMAN
 Professor do Insper

Caso o BC tivesse feito seu serviço quando podia e devia, a resposta seria "sim"; como não fez, é um sonoro "não".

Desde 2009, quando a inflação atingiu 4,3%, o BC tem falhado continuamente em sua missão institucional. Nestes anos a inflação média superou 6% ao ano e, se o consenso de mercado estiver correto, chegará a mais de 7% em 2015, apesar da recessão.

No período que antecedeu a crise de 2008-2009 houve um trabalho consistente no sentido de manter a inflação na meta. Entre 2005 e 2008, por exemplo, a inflação média ficou em 4,6% ao ano, ainda que, claro, não tenha ficado neste patamar em todos os anos. Não importa: esta proximidade sugere que o Copom então calibrava a política monetária para corrigir eventuais desvios.

Mais importante que este fato, porém, era a percepção dos agentes econômicos acerca do compromisso do BC com a meta. De 2005 a meados de 2010 as expectativas para a inflação 12 meses à frente ficaram ao redor de 4,5%, revelando a crença que o Copom continuaria a determinar a taxa de juros de forma a fazer a inflação oscilar próxima àquele nível.

Contra este pano de fundo, quando a crise de 2008 jogou o país na recessão o BC pôde reduzir a taxa de juros mantendo as expectativas de inflação devidamente ancoradas. O resultado é que, mesmo sofren-

do críticas, inclusive internas, o Copom entregou a inflação na meta em 2009, com o PIB retomando a trajetória de crescimento já no 2º trimestre daquele ano.

A atuação desastrosa no período mais recente teve como consequência a perda de credibilidade do BC, expressa em expectativas consistentemente superiores à meta. Neste contexto, manter (ou mesmo reduzir) a taxa de juros não há de ter os mesmos resultados obtidos em 2009. Pelo contrário, face ao enorme choque inflacionário decorrente da necessidade de corrigir os preços administrados reprimidos nos últimos anos, a manutenção dos juros agora perpetuaria a inflação acima de 7% e exigiria sacrifício ainda maior à frente. Postergamos demais o ajuste e a conta chegou. Melhor pagar agora antes que fique ainda mais caro.

Mercado já é menos otimista que Levy

Analistas consultados pelo BC estimam queda de 0,4% da economia neste ano; previsão anterior era de estagnação

“Deslize fiscal” foi significativo, mas Dilma tomou “decisões importantes de ajuste de rumo”, diz ministro

RAUL JUSTE LORES

ENVIADO ESPECIAL A NOVA YORK

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, admitiu, nesta quarta-feira (18) em Nova York, que o crescimento do PIB ano passado pode ter sido negativo e que 2015 será um ano de desafios.

É a primeira vez que Levy reconhece que a economia brasileira encolheu no ano passado e sua previsão vem mais de um mês antes da divulgação oficial, pelo IBGE.

Em janeiro, o ministro falou em Davos, na Suíça, durante o Fórum Econômico Mundial, que o PIB deste ano seria “flat”, ou seja, ficará estagnado.

A previsão do ministro é mais otimista que a maioria

dos economistas consultados pelo Banco Central semanalmente para o boletim Focus.

Em sua mais recente previsão, divulgada nesta quarta, analistas esperam retração de 0,42% da economia neste ano. Uma semana antes eles esperavam o PIB estagnado.

As previsões vêm se deteriorando especialmente depois da eleição presidencial, que garantiu a reeleição para Dilma Rousseff. A estimativa mais recente para 2014 é de alta do PIB de 0,02%.

Para 2016, o ministro da Fazenda prevê “um ano de crescimento, um outro ciclo”.

Em palestra a cerca de 180 investidores e analistas, em sua primeira visita oficial aos EUA, Levy disse que o “deslize fiscal” foi significativo em 2014, mas que a presidente Dilma tomou “decisões importantes de ajuste de rumo”.

Segundo ele, o ajuste em curso inclui “reformas estruturais significativas”, que a expectativa de inflação “está em queda” e que “impostos

não estão sendo criados”.

Ele afirmou ainda que o pré-sal “é uma realidade” e que é mais produtivo do que se imaginava e que a Petrobras teve um salto de produção no ano passado. Segundo ele, a estatal “vai superar seus atuais obstáculos”.

IMPOSTOS

Na palestra em Nova York, o ministro disse que não estava “inventando novos impostos”, apenas acabando com deduções implementadas e voltando a “impostos que já existiam”.

Em um discurso claramente destinado a acalmar investidores e demonstrar as mudanças de rumo, Levy falou que os gastos com folha de pagamento de funcionários públicos e pensões tiveram seu crescimento moderado. “Houve disciplina lá”, afirmou o ministro da Fazenda.

Ele confirmou diversas vezes que a responsabilidade fiscal continuaria e que o país não desperdiçou o boom das

commodities da década passada, apesar de reconhecer que esse período de alta considerável das exportações e do valor das matérias-primas “já acabou”.

Na apresentação, que durou uma hora, Levy falou que o Brasil ainda era destino de fluxo forte de investimentos diretos externos e que a participação da iniciativa privada na construção de infraestrutura é uma “realidade” em aeroportos, estradas, portos e geração de energia.

“Temos concessões bem-sucedidas nos últimos 20 anos”, disse o ministro.

Ainda disse que a preparação para a Olimpíada do Rio em 2016 “vai bem”. Após a palestra, que aconteceu na sede da Americas Society, organização não governamental, ele se encontrou com analistas da agência Moody’s.

Existe o temor de que o Brasil possa perder neste ano o grau de investimento (selo de bom pagador) pelas agências de avaliação de risco.

Bilionário George Soros recua de aposta em papéis da Petrobras

Investidor se desfez no 4º tri de 60% dos papéis da estatal brasileira

DE SÃO PAULO

Depois de ir na contramão do mercado e aumentar seu investimento em papéis da Petrobras no terceiro trimestre de 2014, o bilionário George Soros reduziu em mais da metade a sua aposta na estatal brasileira no fim do ano passado.

O fundo que Soros administra, o Soros Fund Management, tinha 2 milhões de ADRs (recibos de ações negociados na Bolsa de Nova York) da Petrobras no fim do quarto trimestre do ano passado, 60% menos que no fim de setembro.

Em valores, a queda foi ainda mais expressiva: de US\$ 82 milhões, no término do terceiro trimestre, para US\$ 14,7 milhões no fim de 2014, uma contração de 82%.

Apesar da forte redução, não é possível afirmar que Soros, 84, teve prejuízo com o investimento na estatal.

Isso porque o fundo administrado pelo 29º homem mais rico do mundo (dono de US\$ 26 bilhões) não divulga quando comprou ou vendeu os papéis nem os valores envolvidos, e sim apenas qual era sua posição no fim de cada trimestre.

Ainda assim é bastante provável que ele tenha perdido dinheiro com a aposta.

Na média, os papéis da Petrobras no terceiro trimestre valiam US\$ 16,7 na Bolsa de Nova York. Nos três meses seguintes, com o avanço das investigações da operação Lava Jato e com as dificuldades da empresa de divulgar seu balanço financeiro referente ao terceiro trimestre, a cota-

ção média recuou 35%, para US\$ 10,8.

O movimento de Soros no terceiro trimestre foi na contramão da maioria de outros grandes investidores.

Reportagem da **Folha** no fim do ano passado mostrou que 25% dos grandes investidores americanos reduziram em ao menos um terço o número de ADRs ordinários da estatal que possuíam desde o início do segundo semestre.

OUTRAS BRASILEIRAS

Não foi só da Petrobras que Soros reduziu suas apostas.

Ele vendeu todos os papéis que tinha em mais duas empresas brasileiras: Embraer (avaliados em US\$ 14,8 milhões no fim do terceiro trimestre) e TIM (com valor de US\$ 1,4 milhão no final de setembro do ano passado).

Real é a 3ª moeda que mais perde força ante o dólar

Divisa americana se valorizou em 18,5% em um ano ante a brasileira, só abaixo das altas em relação a rublo e euro

Perdas do real foram intensificadas nas últimas semanas devido às incertezas do mercado brasileiro

GUSTAVO PATU
DE BRASÍLIA

Em meio a uma tendência global de alta do dólar, o real já acumula em um ano a terceira maior desvalorização entre as moedas das principais economias do mundo — e é provável que a queda tenha de ser maior.

Segundo dados do Banco Central, a moeda norte-americana teve elevação de 18,5% em relação à brasileira nos 12 meses encerrados nesta quarta-feira (18), bem acima da inflação doméstica no período.

Em termos nominais, a taxa só fica abaixo das contabilizadas na Rússia, onde o rublo passou por um colapso no final de 2014, e na zona do euro, região mais fragilizada pela crise internacional.

Os números mostram um avanço quase generalizado do dólar em relação às moedas dos países do G20 — as economias que têm maior peso na produção global — e o tradicional franco suíço. Trata-se de mais um obstáculo para a recuperação da economia brasileira.

Em quase todo o mundo rico, a desvalorização das moedas é uma ação proposital dos governos: países europeus, Japão e Canadá, entre outros, adotaram a medida para tornar seus produtos mais baratos, fortalecer as exportações e estimular a expansão da renda doméstica.

No caso do real, as perdas foram intensificadas nas últimas semanas devido às incertezas do mercado local. Embora necessária aos objetivos da política econômica, a queda ainda produz mais problemas do que soluções.

A equipe do ministro Joaquim Levy (Fazenda) precisa enfrentar três desafios mais imediatos: estancar as perdas do país nas transações de bens e serviços com o resto do mundo, reequilibrar o Orçamento e conter a inflação.

A desvalorização cambial é o único remédio de resultados rápidos para a primeira mazela, mas tem o efeito colateral de dificultar as duas outras tarefas.

Quando o dólar sobe, os produtos nacionais, cujos custos são medidos em reais, ficam mais baratos no exterior, estimulando as exportações; do outro lado da balança comercial, as compras de mercadorias estrangeiras ficam mais caras.

No entanto, a despeito do baque sofrido pela moeda brasileira, o deficit nas transações com o exterior se agravou: passou de US\$ 81,1 bilhões, em 2013, para US\$ 90,9 bilhões no ano passado.

O potencial impacto positivo do câmbio no comércio exterior tende a ser comprometido pela desvalorização das moedas de outros países — fenômeno que ganhou o nome de “guerra cambial” nos últimos anos.

O Brasil sofre ainda com a queda dos preços internacionais das matérias-primas, estratégicas na pauta nacional de exportações.

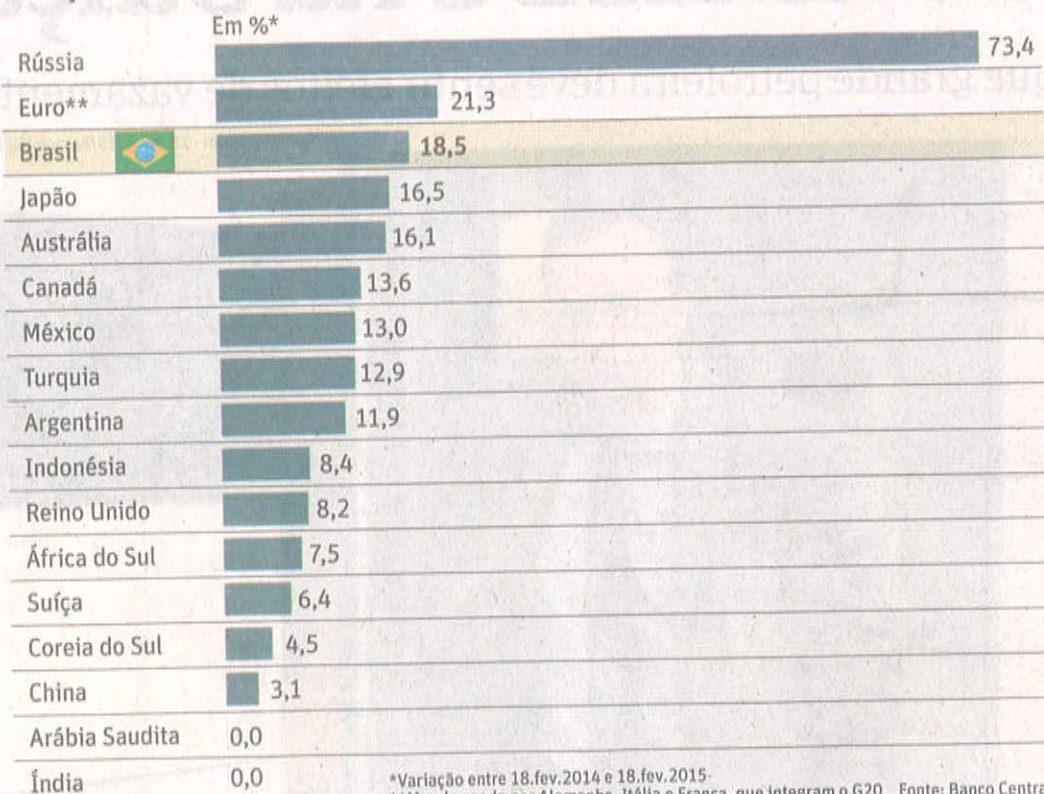
Produtos primários agrícolas e minerais viveram uma era de preços recordes até o início do governo Dilma Rousseff, quando o dólar se aproximou de R\$ 1,50.

Com a reversão desse ciclo, a moeda norte-americana passou dos R\$ 2,80 e, na projeção central do mercado, chegará a R\$ 2,90 até dezembro — embora sejam cada vez mais comuns previsões de cotações acima dos R\$ 3.

Como consequência, os produtos importados mais caros pressionarão a inflação; para conter os preços, o Banco Central terá de manter os juros acima dos patamares do ano passado, aumentando os encargos da dívida pública.

EM ALTA

Variação do dólar ante as moedas de grandes economias do mundo em um ano



*Variação entre 18.fev.2014 e 18.fev.2015

**Moeda usada por Alemanha, Itália e França, que integram o G20 Fonte: Banco Central

Ganhos dos fundos de pensão privados aumentam em 2014

Estudo da consultoria Luz com 35 entidades mostra que os planos com contribuição definida renderam em média 10,5% e os de benefício definido, 12,5%; em 2013, percentuais foram de 6,2% e 4,2%, respectivamente

Léa De Luca

lluca@brasileconomico.com.br

São Paulo

Os ganhos dos fundos de pensão patrocinados por empresas privadas aumentaram no ano passado, em relação ao ano anterior. A conclusão é de um estudo da Luz Soluções Financeiras.

A consultoria acompanha anualmente uma amostra de 35 entidades patrocinadoras, com patrimônio médio de R\$ 1 bilhão cada. Em 2014, os planos com contribuição definida (CD) renderam em média 10,5% e os de benefício definido (BD), 12,5%; em 2013, os percentuais foram de 6,2% e 4,2%, respectivamente.

Os BD tem, por lei, uma meta de rentabilidade a ser atingida, que combina a variação do IPCA mais um percentual — em 2013, essa meta foi de 10,84% e no ano passado, de 11,54%. Os planos CD não tem obrigação de bater meta — que se utiliza como parâmetro para balizar seus resultados é o CDI. Em 2013, a taxa ficou em 8,05% e em 2014, 10,80%.

Ou seja, em 2013 os fundos renderam bem abaixo do que deveriam e em 2014, registraram recuperação. No caso dos BD, a média dos fundos das 35 entidades superou a meta e no caso dos CD, ficou praticamente empatado com o CDI.

Cecília Harumi, consultora da Luz responsável pelo levantamento, diz que apesar de ser apenas

uma amostra, os números indicam bem a tendência de todo o mercado. “Fazemos o acompanhamento há dez anos e, excluindo grandes fundações como Previ, Petros e Funcef, os resultados são muito parecidos”, afirma.

Cecília explica a melhora do rendimento desses fundos em 2014 por basicamente três fatores: aumento dos juros dos títulos públicos, alta do dólar e saída do mercado de ações.

A Abrapp, que representa os fundos de pensão no Brasil, ainda não divulgou as estatísticas de 2014. Em setembro, as 320 entidades tinham ativos equivalentes a 13,9% do PIB; e a rentabilidade estimada para 2014 era 7,04%. Em 2013, havia sido de 3,28%.

“Num cenário marcado pelas eleições, as oportunidades em investimentos foram escassas e, dessa forma, a busca por alternativas para preservação de capital, reduzindo a volatilidade, foram os principais movimentos”, diz. “Os estudos de gestão de ativos e passivos tiveram alta demanda”, diz.

Já este ano começou com as diretrizes de investimentos conser-

vadoras, recebendo mínimos ajustes de rotas, segundo Cecília, que visitou todos os clientes nas últimas semanas. A Luz presta consultoria em seleção de carteiras e acompanhamento para essas fundações. “A renda fixa continua sendo mais atrativa”, completa, explicando que para aproveitar as taxas altas e escapar do excesso de volatilidade de papéis com prazos mais longos, os fundos precisam comprovar liquidez suficiente para ter condições de manter esses papéis até seu vencimento.

Cecília diz ainda que o interesse por investimentos em ações no exterior vem aumentando: “Muitas dessas entidades já tinha autorização para aplicar no exterior em seus estatutos mas só neste ano começaram efetivamente, dada as perspectivas desfavoráveis para a bolsa local”. A consultora diz, ainda, que a parcela das aplicações em ações nas carteiras vem caindo ano a ano e, de 20% que chegaram a ter, caíram a uma média de 4% em 2014.

Na renda fixa, os fundos também tem sido obrigados a buscar opções em títulos de crédito privado, como debêntures ou CDBs. “Não porque estejam atraentes, uma vez que é preciso analisar muito de perto os riscos dos emissores; mas por falta de opções mais atraentes”, diz.

Já em relação aos chamados produtos “estruturados” — fundos de recebíveis, fundos imobiliários e fundos de participações, por exemplo, Cecília diz que os clientes não querem ouvir falar. “Depois do boom, o segmento imobiliário perdeu o atrativo e deve continuar assim”, diz.

Por outro lado, Cecília explica que cada fundo de pensão tem sua característica de tipo de plano (BD, CD ou CV, ou contribuição variável), tipos e níveis de benefícios e distribuição etária de sua população. “As análises atuariais que ditam os recursos necessários para cumprimento do pagamento dos benefícios também estão recebendo novas diretrizes legais (Resolução CNPC 15/14) para avaliação dos parâmetros e hipóteses, com o objetivo de aumentar a convergência entre os limites da taxa de desconto do passivo com as taxas de juros de longo prazo praticadas pelo mercado”, explica Cecília.

A Abrapp ainda não divulgou as estatísticas de 2014. Em setembro, 320 entidades tinham ativos equivalentes a 13,9% do PIB; e a rentabilidade estimada para 2014 era 7,04% ante 3,28% em 2013

“

As oportunidades em investimentos em 2014 foram escassas e a busca por alternativas para preservação de capital, reduzindo a volatilidade, foi o principal movimento das fundações”

Cecília Harumi

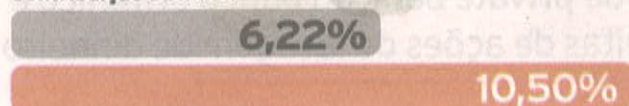
Consultora da Luz S. Financeiras



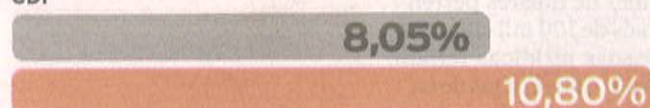
O DESEMPENHO DE 35 FUNDOS DE PENSÃO DE MÉDIO PORTE*

■ 2013 ■ 2014

Contribuição Definida



CDI



Benefício Definido



Meta atuarial



*Exclui Previ, Petros e Funcef
Fonte: Luz Soluções Financeiras

Ibovespa fecha em alta de 1,27% e bate os 51 mil pontos

Vencimento de opções movimentou R\$ 5,58 bilhões e faz Índice subir pelo terceiro pregão

A Bovespa teve a terceira alta seguida ontem e seu principal índice encerrou com aumento de 1,27%, a 51.280 pontos. O giro financeiro somou R\$ 16,5 bilhões, em sessão marcada por vencimentos do Ibovespa e ajustes aos recibos de ações em Nova York, na véspera.

O exercício de opções sobre o Ibovespa movimentou R\$ 5,58 bilhões, com 103.510 contratos negociados, sendo R\$ 1,44 opções de compra e R\$ 4,14 opções de venda.

Influenciou o pregão a fala do ministro da Fazenda Joaquim Levy, em um evento em Nova York. Ele disse que o país está deixando as medidas anticíclicas para trás e que a política monetária vai se tornar mais restritiva "mais cedo ou mais tarde".

Depois da disparada na última sexta-feira, as ações da Oi voltaram a subir forte no primeiro pregão pós-Carnaval e ontem as preferenciais tiveram a maior alta da sessão, de 7,72%, fechando a R\$ 7,26. No mês, os papéis já acumulam ga-

nhos de 44%, embora no ano ainda caíam 16%. Em comunicado feito ontem a pedido da Comissão de Valores Mobiliários (CMVM), órgão que regula o mercado de capitais português, a Portugal Telecom SGPS disse que a transferência de dívida para a Oi está em análise financeira e legal. A operação faz parte do processo de venda de ativos da Oi em Portugal para o grupo francês Altice, que não quis assumir a dívida da PT Portugal no negócio de € 7,4 bilhões.

As ações preferenciais da Petrobras voltaram a fechar acima de R\$ 10, o que não acontecia desde o início do ano, com o noticiário da estatal incluindo dados de produção de petróleo e gás natural no Brasil, na sexta-feira, mostrando estabilidade.

Para a equipe do Itaú BBA, contudo, o mercado está olhando pouco para dados de produção neste momento. "O foco segue nos desafios envolvendo a definição das baixas contábeis e se a companhia conseguirá atingir os prazos para publicar as demonstrações financeiras de 2014", escreveram em nota.

A administradora de planos de saúde Qualicorp esteve entre as maiores altas, subindo 7,14%, embora ainda acumule perda de 5,65% em fevereiro com incertezas sobre o setor.

As empresas de educação Kroton e Estácio subiram 2,34% e 4,36%, respectivamente. A aprovação do reajuste acima da inflação nas matrículas do Fies trouxe esperanças de que o governo também irá ceder em outras mudanças nas regras do programa de financiamento ao ensino. **Com Reuters**

Com o noticiário da Petrobras mostrando estabilidade na sexta-feira, as ações preferenciais da estatal voltaram a fechar acima de R\$ 10, o que não acontecia desde o início do ano

ANÁLISE

Apesar do baixo volume negociado ontem, Ibovespa oscilou para cima diante de expectativas sobre a reunião do BC americano

Bolsa brasileira recupera 1,7%

AÇÕES

● O principal índice de ações da bolsa brasileira (o Ibovespa) subiu 1,7% ontem, aos 51.280,36 pontos. A sessão de ontem foi marcada pelo vencimento de opções e do índice futuro da bolsa, e pela baixa liquidez, uma vez que o mercado operou apenas no período da tarde.

O volume de negócios totalizou R\$ 5,548 bilhões, na volta do feriado do Carnaval. No ano, o Ibovespa acumula alta de 2,55% e, em fevereiro, avanço de 9,32%.

A bolsa brasileira abriu em alta ontem, contrariando o recuo das bolsas em Nova York. A falta de notícias domésticas para dar condução aos negócios e o sinal positivo das bolsas europeias devido a expectativas em torno das negociações da dívida grega forneceram suporte para os ganhos.

No cenário corporativo, a ação da Oi liderou a alta do Ibovespa, subindo 7,72%, ajudada por novos rumores em torno da expectativa de consolidação das operadoras de telefonia no País.

Os papéis PNA da Usiminas avançaram 4,17%, apesar de a empresa ter reportado um prejuízo líquido de R\$ 117 milhões no quar-

ÍNDICE BOVESPA

► Cotação em pontos



Maiores altas e baixas

+7,71%
Oi PN
18 FEVEREIRO

-2,64%
Banco do Brasil ON
18 FEVEREIRO

FONTE: BM&FBOVESPA

to trimestre do ano passado, revertendo lucro registrado um ano antes, diante de fraca demanda de aço no mercado interno e sem contar com a ajuda da unidade de mineração, diante da derrocada dos preços do insumo no mercado internacional. Em relação ao trimes-

tre imediatamente anterior, o prejuízo aumentou quase cinco vezes. Em 2014, o lucro foi de R\$ 208 milhões, ante os R\$ 17 milhões anotados um ano antes.

Ainda no setor de mineração e siderurgia, os papéis da Vale subiram +1,02% (ON) e +1,09% (PNA) ontem, ajudados pelos vencimentos de opções sobre o Ibovespa e dos contratos futuros de Ibovespa, apesar da queda dos preços internacionais do minério de ferro.

Os papéis da Petrobras terminaram também no azul, com a ON +1,74% e a PN +1,30%. O vice-presidente e analista sênior de crédito soberano da agência de classificação de risco Moody's, Mauro Leos, disse que fará uma nova avaliação do rating de crédito da companhia até o fim do mês de fevereiro.

No mercado de câmbio, numa sessão iniciada apenas às 13 horas de ontem, por causa da Quarta-Feira de Cinzas, o viés positivo para o dólar vindo do exterior definiu o avanço da moeda americana ante o real. O dólar à vista negociado no balcão subiu 0,32%, aos R\$ 2,8440, no sétimo avanço dos últimos dez dias úteis. Já o contrato de dólar futuro com vencimento para março tinha ganho de 0,28%, cotado aos R\$ 2,8525. /Estadão Conteúdo